Místicos no Espírito

Convite a rezar a Palavra

---

*"*A Deus que nos escolheu, chamou e reservou para si, nós respondemos com uma dedicação total e exclusiva. O primado de Deus, que nasce da livre e amorosa iniciativa de Deus em relação a nós, traduz-se na oferta incondicionada de nós mesmos... Só podemos viver este chamado na força do Espírito; é Ele que, na história da Igreja, atrai sempre novas pessoas a perceberem o fascínio de uma opção de tanto empenho; foi Ele que suscitou Dom Bosco, a cujo projeto apostólico aderimos com a profissão religiosa".[1]

A fim de aprofundar, rezando, a dimensão espiritual da nossa vocação salesiana, o P. Juan José Bartolomé propõe-nos dois esquemas de leitura orante: o primeiro, centrado no relato paulino da própria vocação; o segundo, sobre a única narração evangélica de vocação não bem sucedida. Ambos, embora bem diversos, sublinham que para seguir Jesus é preciso primeiramente encontrá-lo para, depois, deixar tudo, mesmo o que seja bom para quem é chamado, tanto a lei de Deus como os bens de Deus.

Ao narrar aos gálatas a origem da sua vocação, Paulo dá a conhecer a razão essencial da sua paixão apostólica: ele foi 'encontrado' pelo Ressuscitado e encontrou a missão de sua vida. Uma experiência pessoal de Deus, que o fez conhecer no coração o seu Filho, levou-o a pregar imediatamente o evangelho. Sem encontro com Deus, o crente não encontra a própria vocação.

A memória do jovem bom, que não pôde seguir Jesus porque não quis desapegar-se dos próprios bens, torna-se uma advertência permanente para os que hoje o seguem. Deveria fazer-nos enrubescer o fato de Jesus ter contado conosco, sem sermos capaz de dizer-lhe que já observamos tudo que Deus quer de nós; deveria fazer-nos envergonhar ainda mais o fato de continuarmos a segui-lo, permanecendo, porém, apegados aos nossos bens, e que busquemos n'Ele o Bem e, ao mesmo tempo, continuemos a acumular outros bens.

---

[1] Traccia di riflessione e lavoro sul tema del CG27, *ACG* 413 (2012) 64-65.

I. Encontrar Cristo para encontrar a própria vocação: Gl 1,13-17

Ao escrever aos gálatas, vinte anos depois da sua 'conversão', Paulo recorda novamente o que aconteceu no caminho de Damasco. Não expressa essa confissão como confidência; trata-se mais de um argumento na defesa do seu evangelho. Não fala a neófitos, mas a "homens insensatos" que "tão depressa" estão abandonando a graça de Cristo e passam a outro evangelho (Gl. 3,1; 1,6). É inconfundível o tom áspero e polêmico do seu testemunho.

1. Para entender o texto

Fundadas pouco antes pelo apóstolo (At 16,6; 18,23), as comunidades da Galácia tinham-no acolhido "como um anjo de Deus, como o próprio Cristo Jesus" (Gl 4,14) e tinham acreditado na sua pregação recebendo o Espírito, com muitos grandes prodígios (Gl 3,2.5). O primeiro fervor, infelizmente, não se manteve por longo tempo (Gl 1,6): a visita de alguns que apresentaram "outro evangelho" (Gl 1,7) pôs em dúvida a veracidade do evangelho pregado por Paulo e, até mesmo, a sua legitimidade apostólica. A 'crise gálata' fez estalar no apóstolo a mais desmedida e desagradável reação entre as documentadas no seu epistolário (1 Gl 7-9; 4,17-20; 5,7-12; 6,12-14).

Contesto imediato

Para defender o seu ministério, Paulo apresenta-se como "apóstolo – não por iniciativa humana, nem por intermédio de nenhum homem, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai" (Gl 1,1); e como apologia do evangelho pregado na Galácia afirma sem hesitar não tê-lo "recebido nem aprendido de homens, mas por revelação de Jesus Cristo" (Gl 1,12). O apóstolo pode dar por certo que os gálatas conheciam bem os fatos (Gl 1,13.22): o que afirma – e como o afirma – focaliza a sua atenção naquilo que para Paulo é decisivo: *Deus está na origem do seu apostolado* e *o Filho de Deus é o único conteúdo do evangelho que prega (Gl 1,11-12).* O que ele declara enfaticamente demonstra a sua independência apostólica e a origem divina do seu anúncio.

O testo

A fim de reforçar as duas afirmações, Paulo põe-se a narrar o que fizera *antes* e *depois* do encontro com o Ressuscitado, sem fazer uma verdadeira crônica do acontecimento. É o modelo que utiliza também em Fl 3: distingue bem entre a etapa pré-cristã dos primeiros passos depois da aceitação de Jesus como Senhor, o seu passado de feroz perseguidor (Gl 1,13-14) e o presente de missionário incansável (Gl 1,15-24).

As duas partes da narração são críveis, mas sumárias, centradas nas 'condutas', a judaica e a cristã, do protagonista. O apóstolo apresenta os fatos sem embelezá-los, nem busca a benevolência dos leitores. Enquanto anteriormente só desejava a ruína da Igreja, agora se dedica completamente à sua difusão. Diversamente de Fl 3, que examina o peso subjetivo do acontecimento, Gl 1 revela um dado novo, mais objetivo e fundamental: *Deus foi o ator da sua mudança,* que não consistiu tanto na transformação da conduta, nem numa alteração de fé: "Deus dignou-se revelar-me o seu Filho, para que eu o anunciasse aos pagãos" (Gl 1,16).

ANTECEDENTES: ***o tempo de cruel perseguição da Igreja (Gl 1,13-14)***

Paulo parece não se envergonhar do seu passado; agora que se tornou um reconhecido apóstolo, fala disso aos gálatas. Não devia arrepender-se de ter sido um judeu observante, cultor zeloso das tradições do seu povo e intransigente com quem não as observava. Jamais se mostrou perplexo ou culpável; justamente por isso, a sua posição será mais sincera e qualificada: de nada serve herdar uma fé e tradições que não levam a Cristo.

> ***13Certamente ouvistes falar como foi outrora a minha conduta no judaísmo: com que excessos eu perseguia e devastava a igreja de Deus 14e como progredia no judaísmo mais do que muitos judeus da minha idade, mostrando-me extremamente zeloso das tradições dos pais.***

Conhecido aos leitores, Paulo não esconde o seu passado. Mas o menciona para examinar melhor o que dirá depois, reduzindo a etapa judaica da sua vida – mais ou menos a metade! – a uma perseguição sem medida da comunidade de Jerusalém. Parece reconhecer que não fez outra coisa, como recorda Lucas, desde a juventude (At 7,59; 8,1; 22,20; 26,10). De fato, ele é o único dos primeiros perseguidores da Igreja a ser recordado pelo nome: "Saulo, entretanto, devastava a Igreja: entrava nas casas e arrastava para fora homens e mulheres para atirá-los na prisão" (At 8,3).

Nem aqui Paulo manifesta os motivos da sua conduta tão brutalmente anticristã. Não lhe interessa justificá-la. Afirma, porém, a sua finalidade (*devastar a igreja de Deus*), a eficácia da sua intervenção (*ir além da maior parte dos seus coetâneos*) e o motivo mais pessoal (*zelo apaixonado das tradições dos antepassados*). Se ele perseguia orgulhosamente os seguidores de Cristo não era porque fosse sanguinário ou maldoso, mas porque, observante convicto, não suportava defecções nem desvios da fé dos pais. *O próprio Deus o libertou desta extrema fidelidade à lei.*

CONSEQUÊNCIAS: ***chamado a conhecer o Filho e anunciá-lo aos pagãos (Gl 1,15-17)***

Não só no epistolário paulino, mas nem mesmo em todo o NT se encontra uma descrição do acontecimento de Damasco que supere ou seja comparável a esta breve anotação biográfica.

> ***15Aquele, porém, que me escolhera desde o ventre materno e chamou-me por sua graça, 16dignou-se revelar-me o seu Filho, para que eu o anunciasse aos pagãos, não consultei carne e sangue, 17nem subi a Jerusalém para ver os que eram apóstolos antes de mim. Pelo contrário, parti logo para a Arábia e, depois, voltei ainda a Damasco.***

Justamente por isso torna-se um tanto chocante que Paulo tenha sublinhado o que ele fez 'logo' depois de ter sido chamado, ou seja, *partir para a Arábia e, depois, voltar a Damasco,* e não o que Deus fizera com ele: *escolhê-lo, chamá-lo, mostrar-lhe o seu Filho e convertê-lo em seu apóstolo.* Em nível sintático, a ênfase da expressão recai, sobretudo, na consequência, *na evangelização imediata,* em vez de no próprio fato, *a benevolência de Deus* que o fez conhecer Jesus como seu Filho. As intervenções de Deus são vistas, são 'medidas', pelos efeitos.

Paulo, contudo, não esconde o fato de que ter sido enviado foi puro dom: "É pela graça de Deus que sou o que sou" (1Cor 15,10). E, de fato, ele não se apresenta como sujeito ativo, mas como beneficiário recebedor de uma intervenção, tão gratuita quanto inesperada, de Deus *nele.* Se a atuação de Deus é algo objetivo, vem de fora, a realização cai no seu íntimo, e torna-se uma experiência toda pessoal: ela só pode ser documentada pelo resultado produzido, a missão inevitável.

Paulo apresenta a sua vocação apostólica como *um experimentar o Deus* que ele agora conhece como Pai do Ressuscitado, ou melhor, como um dar a conhecer da parte de Deus – manifestar-se, revelar de modo

definitivo – a sua paternidade em relação a Jesus. A este conhecimento 'induzido' *por* Deus – ele não chegou com as suas capacidades, nem pela sua fidelidade. Este 'conhecimento' é o motivo do seu apostolado imediato: Deus agiu nele de modo imprevisto, e ele agiu logo entre os pagãos. Deus identificou-se como Pai de Jesus, e Paulo sente-se identificado como seu enviado entre os pagãos. Sua vocação é consequência de uma experiência de Deus dada como dom a Ele.

Paulo não se torna um homem melhor, nem mais zeloso. Nele não houve uma mudança de conduta nem o abandono da fé judaica. Deus deu-lhe um novo 'saber': ele veio a conhecer a verdadeira identidade de Deus (Pai de Jesus) e nela foi-lhe dado conhecer a verdadeira identidade de Jesus (Filho de Deus). Essa compreensão tanto era nova que se tornou definitiva ('apocalíptica') foi sentida por ele como benevolência divina a seu favor; viu-a como um chamado a encher Deus de satisfação, de alegria. Deus sentiu-se bem quando o chamou e revelou-lhe ser o Pai de Jesus. O encontro com o Ressuscitado – recorda Paulo aos gálatas – foi realizado como conversão, foi um duplo (re)conhecimento: saber que o Deus de Israel era na verdade Pai de Jesus (Gl 1,16) e saber que era enviado por Ele a anunciá-lo entre os pagãos (Gl 1,17).

Tal confissão, central para a compreensão do acontecimento, é precedida por duas formulações, participiais no original, que integram a concepção de Deus recebida por Paulo: Ele é *"Aquele que o escolhera desde o ventre materno"* e *"Aquele que o chamou com a sua graça"* (Gl 1,15). Escolher, separando-o para si, antes ainda de ter nascido e ser chamado à vida desde o ventre materno são expressões que serviram para narrar vocações proféticas (Jr 1,5; Is 49,1); Paulo considera-as apropriadas para descrever a sua experiência e, por isso, apresenta-se como profeta, também ele, eleito por Deus. Mais, ele reconhece agora (enquanto escreve aos gálatas), que desde sempre, até mesmo desde quando ainda não nascera ou durante o tempo em que perseguia a Igreja, Deus o escolhera e destinara como evangelizador dos pagãos; chamando-o à vida, chamou-o ao apostolado. A sua vida inteira, compreendido o longo período de judeu zeloso e perseguidor feroz, fora sob a benevolência divina. Só tomou ciência disso, é verdade, quando conheceu Cristo, quando se sentiu enviado a evangelizar os gentios.

Sendo Deus gratuito com Paulo, 'educou-o' à gratuidade na missão, libertando-o do serviço à lei de Deus para servir o Senhor Jesus, o Filho de Deus. Pois a sua vida de perseguidor não impediu a Deus de fazer com que se tornasse 'apóstolos dos gentios' (Rm 11,13), Paulo entendeu que a partir disso a sua vida não haveria de ter outra missão, nem outro sentido, senão anunciar Cristo, e este crucifixo (1Cor 2,2): "Anunciar o evangelho não é para mim motivo de glória. É antes uma necessidade que se me impõe: ai de mim se não eu não anunciar o evangelho" (1Cor 9,16). Aquele que é chamado não faz o que quer, nem vive para realizar os próprios sonhos; ele foi encontrado e enviado para fazer a vontade de Quem o amou tanto que fez dele seu representante e testemunha.

2. Para iluminar a vida

A 'conversão' de Paulo foi, além de repentina mudança de 'trabalho' (de perseguidor a propagador), *primo et per se* uma *experiência de Deus*. Dela nasceu e nela enraizou-se a consciência apostólica de Paulo.

- *Por traz da minha vocação, há uma experiência pessoal de Deus, prévia e imerecida? Poderia eu também 'justificar' o apostolado que realizo com a descoberta de Jesus, filho de Deus? No que se apoia o meu chamado, onde ele encontra confirmação e energia? Por quem eu sou chamado, pelos jovens ou por Deus?*

Paulo imagina o Deus que o chamou como um Deus que *se alegrou* chamando-o: Deus 'encontrou' satisfação, alegria, contentamento quando fez Paulo encontrar Jesus e aceitá-lo como seu Filho.

- *Fazer conhecer Jesus e que ele seja reconhecido como seu Filho torna Deus um Pai 'feliz'. Isso também me faz 'feliz'? Estou ciente de que conhecer Cristo é sempre uma graça que Deus me concede e um 'prazer' que Ele se – não me! – concede? Por que, então, não desejar senão o 'sublime conhecimento de Cristo Jesus' (Fp 3,8) para tornar Deus feliz?*

Depois de um tempo de vida apostólica, quando escrevia aos gálatas, Paulo 'viu' toda a sua vida – também o tempo em que perseguia a Igreja de Deus – como parte e caminho de um único projeto de Deus.

- *Por que eu, sendo apóstolo de Cristo, não consigo entender toda a minha vida como uma história admirável de salvação, mesmo quando não estava ciente ou não estava à altura da minha missão? No coração de Deus, vocação à vida coincide com vocação apostólica; como farei para torná-las compatíveis, ou melhor, inseparáveis, no meu coração?*

Paulo reconheceu que foi enviado por Deus no momento em que ouviu Deus. Sua mudança de vida foi o resultado da mudança – percebida por ele – em Deus: do Deus de Israel ao Deus de nosso Senhor Jesus Cristo.

- *Para ser o apóstolo que Deus espera de mim, para realizar a graça que ele me concedeu, não deverei 'mudar' a ideia – a relação pessoal – que tenho de Deus? Está em Deus, um Deus gratificante e condescendente, o motivo do meu apostolado?*

II. Abandona-se Jesus, quando ele não é o único bem: Mc 10,17-31

Poucos textos evangélicos tiveram um influxo tão profundo e duradouro na vida da Igreja como o episódio do jovem rico (Mt 19,16-30; Mc 10,17-31; Lc 18,18-30). Com outros textos que formulam as exigências da sequela de Cristo (por exemplo: Mt 16,24; Lc 9,23.62; 14,16-33), esta narração chegou a ser considerada pela tradição católica o fundamento bíblico – senão o único, ao menos o principal – dos assim chamados 'conselhos evangélicos'. Curiosamente – e o dado passa inadvertido com frequência – o episódio é a crônica de uma vocação falida.

1. Para entender o texto

O episódio apresenta-se, fundamentalmente, como um diálogo prolongado, no qual Jesus é o protagonista permanente. Conforme o seu interlocutor, seja ele um desconhecido ou os discípulos ou Pedro, distinguem-se *três cenas:* o encontro de um jovem com Jesus (Mc 10,17b-22), o comentário feito por Jesus aos discípulos (Mc 10,23-27), a reação dos discípulos diante da radicalidade de Jesus (Mc 10,28-31).

O diálogo de Jesus com o rico (Mc 10,17b-22) começa um tanto bruscamente. Pelo caminho, Jesus é aproximado por alguém que não está interessado nele, na sua pessoa, mas em si mesmo, na própria salvação. Não pede nenhum benefício a Jesus, só deseja um conselho (Mc 10,17.20). O encontro acontece a pedido do desconhecido. Jesus responde às preocupações do interlocutor, embora só aparentemente; na verdade, ele, com maestria, o distrai da sua preocupação um tanto egoísta e propõe-lhe a perfeição. De desconhecido passa a ser amado.

dificuldade, Jesus recorre a uma hipérbole. É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino (Mc 10,25). Deixar-se possuir por aquilo que se tem pode levar à perda do Reino que se esperava.

A reação dos discípulos faz supor que, desta vez, eles tenham entendido bem o seu mestre (Mc 10,26). O pânico difunde-se entre eles, mas não ousam dirigir-se a Jesus. Ficam angustiados pela incapacidade radical do homem – não, do rico! – de salvar-se. Se nem sequer os bons, por serem ricos, o conseguem, quem então poderá consegui-lo?

E, novamente, o olhar de Jesus precede as suas palavras (Mc 10,27). Ele responde confirmando a impossibilidade humana de salvar-se sozinho. Não que o poder de Deus acabe aonde termina o do homem; o fato é que a salvação de Deus não conhece limites. Independente do que é ou tem, o homem depende de Deus. Não precisa das riquezas para garantir a própria salvação. *Tudo é dom de Deus e Deus é o único bem inalienável.* Só Ele pode salvar.

Um Deus endividado como recompensa

Porta-voz dos discípulos, Pedro faz notar que, diferentemente do rico, eles abandonaram tudo, não só a família e o trabalho (Mc 10,28). Perderam tudo para ganhá-Lo, proclama Pedro, com ênfase evidente. Os discípulos dizem ter superado a prova à qual o rico sucumbiu. Estão cientes de suas renúncias; esperam uma justa remuneração: algo caberá a quem deixou alguma coisa.

Jesus responde com uma promessa que vai muito além da intenção e das palavras de Pedro (Mc 10,29). Podem estar seguros de que não só eles, mas qualquer um que tenha renunciado a alguma coisa na própria vida, também terá uma recompensa. A enumeração das possíveis renúncias é eloquente. O elenco das pessoas *possuídas* alonga-se mais do que a das coisas. Será talvez porque elas são os nossos maiores bens? Ou, quem sabe, porque são as que mais nos possuem?

A renúncia, em todo caso, não deve ser genérica; tem conteúdos (propriedades e pessoas amadas) e duas causas (Cristo e o Evangelho). *Os bens,* trate-se de objetos bons ou de pessoas boas, *não são renunciáveis por um motivo qualquer.* Não é, de fato, um motivo qualquer que os torna perecíveis. *É preciso ter boas razões para renunciar aos bens que possuímos.* Pelo fato de que só uma relação estreita com Cristo e o trabalho missionário justificam a sua renúncia, os bens continuam a ser uma coisa boa, mas não são o melhor.

Com o cêntuplo prometido é garantida não só a recompensa, mas também a ação divina para fazer com que se torne realidade. *É o modo típico de Deus pagar,* o seu costume com aqueles que o escutam e fazem a sua vontade (Mc 4,7-20). A fraternidade cristã compensa a família deixada, mas nem sempre está isenta de perigos (Lc 12,52-53; Mc 13,12-13). A recompensa de agora, embora generosa, é limitada. Só a vida eterna recompensa realmente o seguimento; *só no futuro Deus saldará totalmente a sua 'dívida'* para com aqueles que realmente abandonaram tudo para seguir a Cristo. *Ter um Deus endividado é a melhor garantia de um futuro inesperado.* É então que os últimos serão os primeiros (Mc 10,31).

Antes de concluir: qual è o meu (único) bem?

A lembrança do rico que não pôde ser discípulos é uma advertência permanente para os discípulos que desejam ser ricos ou, simplesmente, os primeiros. O encontro de Jesus com o jovem rico (Mc 10,17-31) tem como motivo a incompatibilidade dos bens com a sequela de Jesus: *o único bem do discípulo bom deve ser apenas Jesus* a quem está seguindo. Jesus não tolera que os bons conservem bens próprios em concorrência com ele. Jesus exige dedicação exclusiva de quem deseja segui-lo.

- *O jovem que não pôde permanecer com Jesus foi ao seu encontro porque estava realmente interessado na própria salvação. Não se pode individuar aqui, talvez, um dos motivos mais frequentes pelo qual evitamos encontrar-nos com Ele? Quem dentre nós, hoje, vai à busca de bons mestres que ensinem o caminho da vida? O que falta: mestres que indiquem o caminho e que acompanhem o esforço para obter a vida eterna ou vontade de alcançá-la?*

- *Àquele que era bom, Jesus propôs a perfeição, convidando-o a renunciar aos próprios bens. Uma bondade que se apoie nos bens possuídos não é digna do seguidor de Jesus. Então, como conciliar e bens e cristianismo? Por que Jesus pôde codificar a perfeição da pessoa boa na renúncia e alienação do que possuía? É sempre verdade que o que se possui de bom é um impedimento para seguir a Cristo? Qual é a minha situação?*

- *Se nem mesmo os bons se salvam, enquanto sejam ricos, a quem será acessível a entrada no Reino de Deus? Não será talvez porque Deus não se vende, nem pode ser comprado por nada, em troca de nenhum bem, mesmo grandioso? Por que é preciso desapegar-se dos dons de Deus para receber a Deus como dom? Isso é realmente possível?*

- *Quem deixa alguma coisa por Deus não se arrependerá: ser-lhe-á dado cem vez mais. Será essa a nossa experiência atual? Em todo caso, qual poderia ser o seu motivo? Não será talvez porque, tendo deixado alguma coisa, acreditamos ter o direito a muita coisa? Se nos desapegamos de alguma coisa, tornamos Deus nosso devedor ou fazemos simplesmente o nosso dever? Merecemos uma recompensa por aquilo que fazemos, ou será melhor deixar que Deus pense pessoalmente em recompensar-nos?*